

# A Evolução da Psicanálise, as Diferentes Abordagens Psicoterapêuticas nela baseada e o Problema da Formação

## Resumo

Estuda-se a evolução da Psicanálise desde os trabalhos iniciais de Freud. Trata-se da separação de Adler e Jung do movimento psicanalítico, assim como da importância destes factos. O trabalho debruça-se, particularmente, sobre a Psicologia do Ego, as concepções Kleinianas, a Teoria das Relações de Objeto, aonde se incluem os pontos de vista de Otto Kernberg, a Psicologia do Self e os pontos de vista de J. Lacan.

Neste contexto geral é sublinhada a importância da evolução das psicoterapias e, em particular, das psicoterapias psicanalíticas assim como a influência que a psicanálise teve sobre todas estas correntes. Uma palavra especial é dada sobre as psicoterapias de grupo e, em particular, sobre as contribuições de Slavson, Foulkes, Wolf e Schwartz, Bion, Glatzer, Cortesão e M. R. Leal. Para terminar, trata-se o problema da formação em psicoterapia, nomeadamente no que diz respeito às psicoterapias psicanalíticas.

**Palavras-chave:** Psicoterapia de grupo, Grupanálise, Psicanálise, Psicoterapia psicanalítica

## I – A Evolução da Psicanálise

A Psicanálise centrou, desde o início, a sua acção, no estudo da determinação dos comportamentos por factores inconscientes, ligados aos instintos.

No entanto, apesar desta concepção geral, que nunca foi posta em dúvida por nenhuma das escolas, que se desenvolveram neste movimento, ele está longe de se apresentar como um conjunto harmónico, aceite por todos os seus seguidores.

Assim, logo nos primeiros anos do movimento psicanalítico, assistimos às contestações, seguidas de cisão, de Adler e Jung, ambos figuras relevantes da Sociedade Internacional de Psicanálise, sendo o primeiro presidente da Sociedade de Psicanálise de Viena (associação em que estava inscrito o próprio Freud) e o segundo da própria Sociedade Psicanalítica Internacional.

Ambos contestaram as concepções da teoria do libido de Freud, que consideravam excessiva nas suas concepções e procuraram substituí-la, respetivamente, pela emergência de factores sociais e pela existência dum inconsciente complexo, com uma parte mais profunda, onde residem os arquétipos, responsáveis últimos pelo comportamento humano. No seu trabalho de 1914, sobre a “História do movimento psicanalítico” e, nomeadamente na sua parte III, Freud abordou o problema da saída de Adler e Jung da Sociedade Internacional de Psicanálise, devido a estas atitudes cisionistas, que ele considerava demasiado importantes, para eles se

manterem no dito movimento, apesar dos serviços que ambos lhe tinham prestado no passado.

Contudo, os movimentos liderados por estes dois homens, respectivamente a psicologia individual e a psicologia analítica, continuaram a basear-se numa determinação inconsciente do comportamento e a englobar-se na denominada psicologia das profundidades.

Na esteira de Adler e da sua psicologia individual organizou-se, entretanto, o movimento dos culturalistas ou neo-freudianos, hoje designado por inter-personalistas e que surgiu à volta de figuras como Sullivan, K. Horney, Kardiner e outros, que desenvolveram o estudo da importância dos factores ambientais, nomeadamente, socioculturais, na determinação do comportamento.

Esta corrente, contudo, nasceu já fora do contexto psicanalítico, embora estivesse sempre em interação com ele e só através de H. Hartmann e da Psicologia do Ego se procurasse integrá-la nele.

Actualmente, contudo, a Psicanálise organizou-se à volta de três grandes correntes de pensamento, a Psicologia do Ego, a Teoria das Relações de Objecto e a Psicologia do Self.

A Psicologia do Ego, que nasceu em última instância da teoria estrutural de Freud, pode ser vista em duas perspectivas: a das concepções metapsicológicas de Freud, modificadas pela própria concepção estrutural já referida e que constituem a base daquilo que habitualmente se designa por perspectiva freudiana da Psicanálise; e as concepções da Psicologia do Ego propriamente dita, formuladas por Heinz Hartmann, Keis e Loewestein e, posteriormente, por Erikson e Rappaport, intimamente ligadas à escola clínica americana de Psicanálise e que tiveram como teorizador de correspondente abordagem técnica, Greenson

Ambos dão uma grande importância às estruturas, que o indivíduo organiza e que são entidades que mostram fraca tendência para se modificar (são, portanto, entidades marcadas pela estabilidade) e das quais a mais importante é o próprio Ego, entidade que permite uma adaptação à realidade exterior, independentemente dos instintos, que são, no entanto, origem última dos comportamentos humanos, os quais, no entanto, são fortemente condicionados por factores ambientais, em que há importantes componentes sócio psicológicas e socioculturais.

Eric Fromm considerava que esta segunda tónica freudiana constituía um retrocesso e não era mais, afinal que uma cedência de Freud à burguesia capitalista. Tal perspectiva é mais que discutível, pois o ponto de vista estrutural aparece numa linha de evolução lógica do pensamento freudiano que está intimamente ligada às suas descobertas, no estudo das psicoses e de outras situações não neuróticas. Pouco depois da publicação dos trabalhos de Freud (1921,1923) em que anunciava o desenvolvimento daquela Perspectiva, Ana Freud, numa concepção de bases similares apresentava o seu trabalho “O ego e os mecanismos de defesa” publicado em 1936, o qual, aliás, parece, já pronunciar, os trabalhos de Hartmann e seus colaboradores.

Assim há que notar, contudo, que enquanto para Freud e os seus seguidores, ligados sobretudo à perspectiva metapsicológica, o Ego não aparece como uma entidade inata (antes se diferencia do Id) e todo o comportamento só aparece em consequência duma acção inicial dos instintos (o comportamento é determinado pelos instintos e codeterminado pelas estruturas) para os verdadeiros psicólogo do Ego (do

segundo grupo citado, como Hartmann) o Ego é uma estrutura inata e, por conseguinte, faz parte do que estes autores designam como estruturas autónomas primárias e o comportamento é determinado igualmente por factores externos, em que devemos dar principal relevo aos aspectos psicossociais e socioculturais, aliás também criados pelos próprios indivíduos, aos quais se pode adaptar directamente através daquelas estruturas e sem interferência nos instintos. É, neste contexto que Erikson vem falar de modalidades e modos e da inexistência (ou relatividade) dos processos secundários.

Uma segunda perspectiva é a técnica das relações de objecto, que se centra nas perspectivas de M. Klein. Embora a nossa relação de Objecto tivesse sido estabelecida por Freud, que a defendeu em termos de acção de sujeito sobre aquelas entidades (objectos) tendo-lhe dado características diferentes, conforme eles se encontravam em situações orais, anais e genitais, como, aliás, foi magnificamente sistematizado por Maurice Bouvet, foi Melanie Klein quem desenvolveu este conceito em novos moldes, contrapondo as relações gratificantes (com “bons” objectos) às frustrantes (com “maus” objectos), os objectos totais (ligados à posição depressiva), dos parciais (próprios da posição esquizo-paranóide), as relações de objecto externas às internas. Estas últimas tornavam-se inconscientes e condicionavam as primeiras, resultando, assim, uma transformação das Relações de Objecto interpessoais numa outra, entre estruturas internalizadas.

Se, de acordo com Melanie Klein, tal facto é determinado pelos instintos e estaria, assim, intimamente ligado ao desenvolvimento das posições esquizo-paranóide e depressiva do indivíduo, para os autores do grupo do meio (ou independente) inglês, que também perfilham esta concepção da Teoria das Relações de Objecto (TRO) (Winnicott, Fairbairn, Balint e Grunstrup), tal facto estaria ligado, sobretudo, ao desenvolvimento de conflito ou falhas ambientais.

Neste contexto, Winnicott sublinhou a importância de holding, dos Objectos e fenómenos transacionais, da mãe suficientemente boa, Fairbairn da necessidade de reconhecimento da pessoa do indivíduo pela mãe e no facto do Ego se poder desorganizar, quando se verificam experiências negativas na relação com ela e Balint na procura do amor maternal, tido como primeiro e no desenvolvimento do que ele designou como falha básica, na sua ausência.

Uma outra concepção na TRO aparece ligada a Otto Kernberg, que numa perspectiva globalizante e mista, em que o instinto e factores ambientais são igualmente importantes, a conceptualizou para explicar o que ocorre nos estados limites e nas organizações narcísicas. Partindo também das concepções de M. Klein, mas igualmente influenciado pelos pontos de vista de Margaret Mahler e Edith Jacobson, Kernberg concebe as relações de objecto como ligadas a representações do Self e dos Objectos, que são desencadeadas por unidades de afecto e que são determinadas por instintos, que estão no magma indiferenciado, que constitui o Self do indivíduo.

Ao contrário da TRO, a Psicologia do Self não se centra em relações de objecto internalizadas, mas na necessidade do indivíduo desenvolver outros estímulos e sensações de bem-estar a partir de relações de objecto externas, actuais, que vão permitir aquelas situações e aumentar a coesão do Self, através do investimento narcísico nele, semelhante ao que ocorre na área objectal.

Partindo duma situação de narcisismo primário Kohut refere-se a sua evolução, desenvolvendo o que ele designou por teoria do duplo eixo. A referida situação de narcisismo primário vai, assim, evoluir segundo dois eixos possíveis e, o do Self grandioso (ligado a uma transferência em espelho) e, imago parental idealizado, que vão determinar, respectivamente, o desenvolvimento de ambições saudáveis ou de ideias e valores, que vão funcionar como situações de investimento narcísico, moral, que conduzem ao desenvolvimento de capacidades e conhecimento.

Uma última abordagem, que foi excluída do campo das teorias psicanalíticas, por o seu mentor e a sua escola, delas terem sido afastados pela IAP, mas que nasceu em íntima conexão com elas, foi a da escola freudiana de Paris, inspirada por Jacques Lacan, que pretendia, mesmo, ter voltado a descobrir Freud. Ao introduzir o sistema simbólico-real-imaginário e a relação significante-significado, que foi buscar à linguística e, nomeadamente, às concepções de Saussure, Lacan contrapô-la à relação inconsciente-consciente, que ela tende substituí-la, fazendo, naturalmente, uma crítica epistemológica do sistema Ego, Superego e Id

é, precisamente, o domínio do inconsciente pelo imaginário, que aparece nas psicoses, que leva este a tomar conta do indivíduo e a impor-se-lhe.

## II – O Desenvolvimento das Psicoterapias

O desenvolvimento da Psicanálise trouxe consigo, desde logo, o das psicoterapias. Há que notar, desde o início a íntima relação da Psicanálise com a hipnose logo através de Breuer e de Charcot, o primeiro coautor e o segundo referido nos “Estudos sobre a Histeria” (1895) e em outras situações.

Mas, a própria evolução da Psicanálise e o desenvolvimento de novas indicações, levou ao aparecimento de novos tipos de intervenção, isto é, as técnicas modificadas, que naturalmente na maioria dos casos, elas são psicoterapias psicanalíticas

Freud concebeu a Psicanálise como uma técnica, que tinha como indicação fundamental o tratamento das neuroses e, dentro delas, das que eram susceptíveis de levar à organização dum tipo especial de relação terapêutica – a neurose de transferência.

Mas, em breve, desenvolveu-se a necessidade de utilizar como terapêuticas de outras situações, cujo prognóstico se mostrava fechado com outras terapias, como ocorria nas psicoses e nos estados limites. Federn, Frieda Fromm Reichmann, Sechehaye, Rosen desenvolveram o tratamento das primeiras e Knight o das segundas. Mais tarde, outros autores, como os kleinianos (Bion, Meltzer, Rosenfeld) e os psicólogos do Self (Kohut) procuraram aplicar técnicas analíticas ortodoxas no tratamento destas situações, mas só em situações relativamente raras o conseguiram, tendo habitualmente que recorrer às técnicas modificadas atrás referidas Kernberg fez o mesmo com as estruturas narcísicas e os estados limite

Um dos primeiros problemas que o desenvolvimento das psicoterapias levantou foi o da utilização da sugestão nas técnicas psicoterapêuticas. Freud, Glover e

Jones consideravam, que era precisamente este facto, que separava as psicoterapias da Psicanálise, em que, pelo contrário, elas se deviam evitar.

Em 1818, na conferencia de Budapeste, Freud contrapunha o ouro da Psicanálise ao cobre das psicoterapias, situação esta que apareceu agravada pelo facto de Bergman ter traduzido, então erradamente, cobre por chumbo, material considerado mais vil que o primeiro, apesar de tudo visto como um metal nobre, situação que só mais tarde corrigida por Balint.

Por outro lado, surgiram novas técnicas, que se afastavam da Psicanálise, por se considerarem demasiado dogmática na sua a intervenção e, portanto, limitante na compreensão do indivíduo, a impor uma conceptualização demasiado estruturada e rígida, optando, antes, por uma intervenção mais aberta e centrada na empatia.

Apareceram, assim, as psicoterapias fenomenológicas, as existenciais, de Binswanger e Frankl, as não-directivas de Rogers, para não falarmos das modernas posições de Yalom.

A discussão da própria técnica psicanalítica levantou questões, que estiveram na base do aparecimento das primeiras técnicas de expressão corporal (bem antes do movimento hippy e de Maio de 68).

Desde logo, Ferenczi e Reich levantaram o problema da importância e utilização do que eles denominavam técnicas activas, que depois designaram técnicas específicas de intervenção, como são a ergonomia e a bioenergia. No mesmo sentido, se desenvolveram os pontos de vista da escola de Chicago, como Alexander e French, para o tratamento de doenças psicossomáticas.

Outras técnicas, como análise transaccional, com E. Berne, e os grupos gestalt, com Perls, ambos também inicialmente psicanalistas, que, depois, evoluíram para outras posições, construindo novos conceitos teóricos e técnicas, que consideravam mais rápidos e eficazes, foram assim, surgindo em oposição à Psicanálise, mas procurando atingir idênticas finalidades.

Finalmente, a partir dos anos 60 e em oposição ao tempo demasiado lento das terapêuticas analíticas, apareceram as denominadas psicoterapias breves, que visam por termo aquela situação, ainda que mantendo a eficácia da intervenção.

Entretanto, surgiu a ideia de utilizar a Psicanálise num contexto social ou grupal. Apareceu, assim, como mais tarde aconteceu em outras abordagens e, nomeadamente as cognitivas- comportamentais, técnicas de grupo ou intervenções institucionais, de inspiração psicanalítica. Nos anos 30, foram desenvolvidos os primeiros exercícios de psicoterapia de grupo, deste tipo, levadas a cabo, nos U.S.A., por Wender e Schilder.

As situações de Grupo, usadas em psicoterapia, desde os trabalhos de Pratt, no âmbito da escola psicossomática americana e, depois, em Viena, por J.L. Moreno, com doentes de foro psicológico, desenvolveram-se, em breve, como um local óptimo, para levar a cabo acções psicoterapêuticas, de variado tipo, incluindo as psicanalíticas, centradas na livre discussão flutuante e na análise das relações transferenciais. Contudo, os dois autores acima referidos não punham, nem de leve, a hipótese de se conseguir, neste processo, a organização duma neurose de transferência e, muito menos, da sua perlaboração.

Slavson. Klapman, Bach todos eles viam a psicoterapia de Grupo, de inspiração analítica, nesta perspectiva, assim como o faziam os promotores da experiência de

Northfield, Foulkes e Bion. O primeiro concebeu a Grupanálise, que, que numa primeira fase, via, sobretudo, como um modo de tratamento dos indivíduos, através do grupo, enquanto o segundo centrava a sua acção na procura dos por ele designados. Os pressupostos básicos, que caracterizavam o funcionamento inconsciente do grupo, através da análise do que ele denominava “grupo de trabalho” para poder encontrar o aparelho proto-mental dos indivíduos que o compõem.

Gostaríamos de notar que este Bion não é ainda o que, mais tarde, efectuou os estudos das psicoterapias de psicóticos e, muito menos, o da teoria dos vínculos, na grade, da teoria do conhecimento e da teoria das transformações, nem o que concebeu uma profunda alteração da técnica psicanalítica, com o desenvolvimento duma função contentora do analista. É apenas, o Bion das “*Experiência em grupo*”, um analista ainda em formação. A junção dos últimos conceitos referidos ao desenvolvimento duma intervenção psicanalítica em grupos não foi, contudo, feita por ele, mas por autores latino-americanos, sobretudo brasileiros, como Zimerman (não esquecer a importância dos trabalhos de Bion publicados no Brasil e que lhe granjearam grande apoio e compreensão no meio psicanalítico brasileiro) ou argentinos, da escola kleiniana de Pichon-Rivière, que as utilizaram na sua própria teoria psicanalítica de intervenção em grupos.

Quanto a Foulkes, há que notar que a sua posição evoluiu com o tempo e que, em 1964, ele admitira não só a possibilidade da formação duma neurose de transferência em grupos, como a sua perlaboração.

Contudo, os primeiros autores que tiveram a ideia de levar a cabo uma Psicanálise em grupos, eles foram Alexander Wolf e F. K. Schwartz, conforme demonstra o próprio nome do livro que escreveram “*Psicanálise em grupos*”. Contudo, a introdução por eles, como elemento básico da sua intervenção terapêutica das denominadas sessões alternantes (sem terapeuta) que ocorriam uma vez por semana, concomitantemente com as sessões com a presença do terapeuta criaram um paradigma em impediu a organização duma verdadeira neurose de transferência e, portanto, uma verdadeira terapêutica psicanalítica. Locke, que seguiu um método terapêutico semelhante, mas nunca deu uma importância tão grande, como os autores anteriormente referira, as sessões alternantes, de que, por vezes, prescindia, aproximou-se mais do objectivo prenunciado pelo título dado a esta forma de psicoterapia de grupo

Mais tarde, H. Glatzer (1968, 1975) deu grande importância à utilização, nas psicoterapias analíticas de grupo, de pontos de vista, como aliança terapêutica, organização da neurose de transferência e perlaboração que criavam novas perspectivas de intervenção em grupo.

Mas, foi, sem dúvida, E. L. Cortesão, quem deu uma consistência e desenvolvimento particular a estes conceitos, que lhe permitiu transformar a Grupanálise numa verdadeira terapêutica grupanalítica, como aliás, parecia já estar no espírito de Foulkes, em 1964, como vimos. Nesta perspectiva, definiu como objectivos da grupanalise, a perlaboração da neurose de transferência grupal e a individualização dos Selves e criou o conceito de padrão grupanalítico, que descreveu como um conjunto de atitudes que o grupanalista mantinha e sustentava na matriz grupanalítica, com uma função interpretativa e tendo em vista os objectivos acima referidos. Ele modificou igualmente a noção de matriz grupanalítica, que passou a

definir como uma rede de relação, comunicação e perlaboração, e que por incorporação do padrão grupanalítico, ia permitir o desenvolvimento do processo grupanalítico, dentro das características acima referidas. Assim, criava-se, em minha opinião, uma cultura grupanalítica no grupo, que lhe iria permitir funcionar em sintonia com o padrão e reforçar, desse modo, a posição do analista em vez de a diluir, como acontecia nas primeiras psicoterapias analíticas de grupo aqui citadas, como foram as de Wender e Schilder, Slavson, Bach e Klapman.

Foulkes, por seu lado, evoluiu, contudo, para uma posição bastante diferente. Considerando que a Grupanalise se deveria distinguir claramente da Psicanálise e que os seus objectivos deveriam ser diferentes, centrando a sua acção no que ele designou por Treino do Ego em Acção, vista como uma intervenção na situação grupal das diferentes instâncias (Id, Ego e Superego), que integram o Self dos indivíduos, que constituem o grupo. Neste contexto se insere também a sua proposta de substituir o termo grupanalise pelo de psicoterapia grupanalítica, que dispensa comentários.

Maria Rita Leal, partindo duma posição empírica e de investigação, que a guiou nos seus últimos trabalhos, e que se baseava nas concepções dos etologistas (Bowlby, em particular) e dos comportamentalistas (como Watson e Lorentz), desenvolveu a ideia de que o processo grupanalítico resultava da acção da matriz grupanalítica sobre a matriz pessoal dos indivíduos (na matriz relacional interna), que eles iam construindo, progressivamente em função das ligadas às interacções que o individuo desenvolvia, em todos os grupos porque passava, desde a díada mãe-criança até aos grupos actuais (família actual, grupo profissional, grupos de lazer), passando pelos grupos funcionais da infância (família edipiana, família alargada), pelos grupos escolares (pré-primário, básico, secundário, superior) e outros de aprendizagem e lazer, também próprios da infância e adolescência.

Ela pensa, contudo, que para se desenvolver estes processos terapêuticos, tem que ocorrer a revivescência das situações infantis, o que implica uma regressão tão marcada quanto possível, a níveis proto-verbais ou, mesmo, pré-verbais, cuja elaboração (ou perlaboração) vai permitir uma reestruturação da Personalidade.

Embora ela ponha reservas, tal como Foulkes, ao conceito de padrão, não deixa de considerar, tal como ele, a importância do papel de terapeuta nesta acção, havendo que reconhecer, contudo, que a importância que ela dá a este facto é maior do que este último lhe concede.

Como vimos, Maria Rita Leal procura centrar esta perspectiva de acção numa atitude de investigação e verificação, que a afasta, por vezes, do conceito de Psicanálise, mas que a aproxima das posições que Karl Popper utilizou para definir ciência e que o levaram a considerar que Psicanálise não podia ser considerada como tal, posição, aliás, controversa e convertida, que põe em causa os métodos pós-didáticos, aliás ainda hoje usados frequentemente, pelas ciências humanas e sociais. O seu método de investigação, nos antípodas do usado por Cortesão, mais centrado numa posição clínica, pode ser entendido, nessa perspectiva, como uma crítica epistemológica àquele (no mesmo sentido das já referidas críticas de Popper à Psicanálise e à sua teorização, por conseguinte, à terapêutica por ela desenvolvida). E, aliás, numa perspectiva diferente, mas também crítica, que se devem inserir as concepções existenciais de Yalom (em certos aspectos, contendo críticas idênticas às outrora formuladas por Rogers).

De qualquer modo, as psicoterapias analíticas de grupo foram, necessariamente, influenciadas pelas evoluções da teoria psicanalítica já referidas, nos seus vários aspectos e centradas, precisamente, nas três principais vertentes, de que falamos no início deste trabalho.

Com efeito, em consequência da influência dos chamados trabalhos antropológicos de Freud, Totem e Tabu, (1913), “A Psicologia do Grupo e a análise do Ego” (1921) “Moisés e o monoteísmo” (1939) e de outros factos como as concepções de Adler e dos culturalistas, a psicoterapia analítica de grupo viu-se fortemente influenciadas, nos últimos tempos, pelas três concepções atrás mencionadas, da Psicologia do Ego, da Teoria das Relações de Objecto e da Psicologia do Self, que dão todas elas um papel muito relevante ao ambiente e, nomeadamente, aos seus aspectos psicossociais, na determinação do comportamento, mesmo quando a sua origem última está nos instintos e no inconsciente.

Assim, como vimos na Psicologia do Ego, o comportamento é determinado pelos instintos, e codeterminado pelas estruturas, que lhe permitem a adaptação sociopsicológica e sociocultural, que envolve os indivíduos; na Teoria das Relações de Objecto está ligada ao desenvolvimento e estruturação dum sistema complexo de relações de Objecto, que é internalizado e que vai condicionar, por sua vez, as relações de Objecto internas existentes; enquanto a Psicologia do Self explica o funcionamento do indivíduo, em termos da sensação de bem-estar e autoestima, que lhe são dadas pelos outros e vão reforçar o seu investimento narcísico.

Deste modo, desenvolveram-se, também nos últimos tempos, para além das referidas, outras tantas correntes de psicoterapia analítica de grupos, ligadas a estas últimas concepções.

No que diz respeito às concepções desenvolvidas pela Escola Portuguesa de Grupanalise, com base nestas diferentes perspectivas, sublinharemos que ela se baseou em conceitos e desenvolveu técnicas de intervenção, que foi buscar a todas elas e, em particular, às duas primeiras.

Cortesão costumava dizer que os pontos de vista adaptativo e psicossocial de Rappaport (conceitos desenvolvidos pela Psicologia do Ego e sistematizados por este autor), constituíam os lugares de encontro da metapsicologia freudiana, perspectivada de acordo com a concepção estrutural e dos pontos de vista desenvolvidos pela TRO. São, aliás, as modificações ocorridas nas relações de Objecto (externas) do indivíduo que vão determinar modificações das respectivas relações de objecto internas, que, por sua vez, vão determinar alterações no modo como ele encara, de futuro, as relações de objecto externas e, por conseguinte, o meio em que se inserem.

### III – O Problema da Formação

Para terminar não queria deixar de dizer duas palavras sobre o problema da formação. Este assunto assenta em qualquer psicoterapia, em três perspectivas fundamentais: o treino pessoal, o exercício da profissão dum modo controlado e a formação teórica.

Na maior parte das psicoterapias, este é este último aspecto que constitui a parte fundamental da formação, logo seguida pelo mencionado em segundo lugar. O



treino pessoal propriamente dito limita-se ao mero conhecimento das situações e não tem importância de maior, à parte o compreender melhor o modo como a terapêutica actua e o funcionamento desta.

Não é, porém, assim, que as coisas se passam nas psicoterapias analíticas, em que se deve ser dado, precisamente, uma importância fundamental a este último, dado que, só através dele, se pode ter um conhecimento adequado daquilo em que vamos intervir e que necessitamos saber, isto é, o inconsciente.

Por outro lado o psicoterapeuta deve conhecer e controlar o mais perfeito e completamente possível os seus próprios sentimentos, para que eles não possam interferir inadequadamente com as transferências das pessoas que estão em psicoterapia analítica com ele e, para que, pelo contrário, os possa usar adequadamente, na perspectiva defendida por Paula Heimann e Money-Kirle, para conseguir que o cliente se compreenda melhor e, sempre que o deseje, se possa modificar.

Daí que o treino pessoal seja a parte mais importante da formação em qualquer terapêutica analítica. Daí também esse treino deve ser feito com profissionais o mais adequadamente preparados que é possível para levar a cabo uma acção tão necessariamente delicada. Daí igualmente que se dê uma atenção muito especial a esses formadores, às suas características de personalidade e à sua formação, que deve ser particularmente cuidadosa.

Um segundo ponto importante consiste na atenção particular ao trabalho supervisionado. Nas supervisões analíticas, o trabalho interactivo entre o terapeuta em treino e o supervisor deve ter sempre duas dimensões: uma centrada na técnica propriamente dita e na teoria, em que ela se baseia e se analisa o modo como ocorrem as comunicações e se faz interacção entre aquele e indivíduos, crianças ou adultos, que com ele se tratam e nos grupos, as organizações ou as próprias comunidades, com que trabalha e, naturalmente, as suas dificuldades nestes campos; a outra perspectivada sobre o próprio funcionamento interno do terapeuta em treino, com as suas emoções, os seus instintos, os seus afectos, que naturalmente, também interferem no processo terapêutico e a sua evolução.

Duas situações a que o supervisor deve estar particularmente atento é o da resposta contra-transferencial do terapeuta às transferências libidinosas e agressivas dos pacientes.

A interacção entre o terapeuta de inspiração analítica e o supervisor permite, assim, ajudar a encontrar uma melhor compreensão das situações em tratamento e desenvolver novas perspectivas teóricas que ajudem a enquadrá-las. Podem também contribuir, assim, para desenvolver e estruturar novos avanços teóricos neste quadro e, mesmo para ajudar a desenhar uma metateoria das psicoterapias analíticas.

Há toda a vantagem em que todo o terapeuta tenha, pelo menos, trabalhado com dois supervisores, quer em situações individuais, quer em grupo, quer actuando em organizações ou comunidades, para não ficar demasiado ligado às perspectivas dum deles. É também por isto, que é necessário combater fortemente a tendência, por vezes natural, do indivíduo fazer supervisão com o próprio analista ou psicoterapeuta situação que sempre se verifica, apesar de, dum modo geral, estar interdita pelas próprias Associações, que organizam o processo de formação. Além de que a própria relação entre eles está sempre ligada a um inevitável relíquia transferencial, que

interfere com a supervisão e que está sempre presente. Esta situação irá precisamente aumentar a já mencionada situação de dependência teórica-técnica do indivíduo em grupo das concepções daquele.

Finalmente a pessoa em formação terá que frequentar, necessariamente, um curso teórico, que o ponha em contacto com os aspectos fundamentais da teoria analítica e com os seus tipos de intervenção. Este curso deverá ter em conta, necessariamente, as mais recentes evoluções da teoria e da teoria da técnica psicanalítica, estando assim, devidamente actualizado, para responder às necessidades de desenvolvimento do conhecimento dos formandos.

Outro aspecto relevante é o da metodologia a ser seguida nestes cursos, na qual se deverá dar um papel activo aos formandos, os quais deverão trazer para o seminário as suas próprias experiências pessoais, para ilustrar e melhor compreender os aspectos teóricos em estudo e colaborar, assim, na própria evolução da teoria e da teoria da técnica.

## Bibliografia

- Adler, A. (1918/1969). *Les névroses*. (Ed.) Aubier Montaigne, Paris.
- Adler, A. (1929). *The practice and theory of individual psychology*. (Ed.) Brace Harcourt, New York.
- Alexander & French (1946). *Psychoanalytic Therapy: principles and applications*. (Ed.) Ronald Press Co., New York.
- Bach, G.R. (1961). *Intensive group psychotherapy*. (Ed.) Tavistock, London.
- Balint, M. (1968). *The Basic Fault*. (Ed.) Tavistock, London.
- Berne, E. (1961). *Transactional analysis in Psychotherapy*. (Ed.) Grove Press, New York.
- Binswanger, L. (1970). *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne*. (Ed.) Gallimard, Paris.
- Bion, W.R. (1956). Development of Schizophrenic thought. *International Journal of Psychoanalysis*, (37):344-45
- Bion, W.R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non psychotic personalities. *International Journal of Psychoanalysis*, (39):144-46
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups*. (Ed.) Tavistock, London.
- Bion, W. R. (1962). A theory of thinking. *International Journal of Psychoanalysis*, (43):306-10.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. (Ed.) Heinemann, London.
- Bion, W. R. (1967). *Second thoughts*. (Ed.) Heinemann, London.
- Bouvet, M. (1968). *Œuvres Psychanalytiques*. (Ed.) Payot, Paris.
- Cortês, E. L. (1989). *Grupanálise – teoria e técnica*. (Ed.) Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Erikson, E.H. (1950). *Childhood and Society*. (Ed.) Norton, New York.

- Fairbairn, W. R. D. (1954). *The psychoanalytic theory of neuroses*. (Ed.) Basic Books, New York.
- Federn, F. (1943/1977). *Ego psychology and psychoses*, (Ed.) Karnac Books, London.
- Ferenczi, S. (1974). *Prolongements de la technique active en Psychanalyse*. In *Psychanalyse -tome III*. (Ed.) Payot, Paris.
- Foulkes, S. H. (1964). *Therapeutic group-analysis*. (Ed.) Allen & Unwin, London.
- Foulkes, S.H. (1975). *Group-analytic psychotherapy: Methods and principles*. (Ed.) Gordon & Breach, London.
- Frankl, V. (1960). *The will to meaning*. (Ed.) World Publishing Press, Cleveland:USA.
- Freud, S. (1913/1955). *Totem and Taboo*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.), Vol. XIII, London.
- Freud, S. (1914/1957). *On the history of psychoanalytic movement*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.), Vol. XIV, London.
- Freud, S. (1919/1955). *Lines of Advance on Psychoanalytic Theory*. (Ed.) Hogarth Press (S.E.), Vol. XVII.
- Freud, S. (1920/1955). *Beyond the pleasure principle*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.), Vol. XVIII, London.
- Freud, S. (1921/1955). *Group psychotherapy and analysis of the Ego*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.), Vol. XVIII, London.
- Freud, S. (1923/1961). *The Ego and the Id*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.), Vol. XIX, London.
- Freud, S. (1936/1946). *The Ego and the mechanism of defense*. (Ed.) International University Press, New York.
- Freud, S. (1939/1964). *Moses and Monotheism*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E.) Vol. XXIII, London.
- Freud, S. (1892-94/1966). *Preface and footnotes to the translation of Charcot's Tuesday lectures*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E), Vol. I, London.
- Freud, S. & Breuer, J. (1893-95/1955). *Studies on Hysteria*. (Ed.) Hogarth Press, (S.E), Vol. II, London.
- Fromm, E. (1970). *The crisis of psychoanalysis – Essays on Freud, Marx, and Social Psychology*. (Ed.) Holt, Reinhart and Winston, New York.
- Fromm Reichmann, F. (1950/1960). *Principles of intensive Psychotherapy*. (Ed.) University of Chicago Press, Chicago.
- Glatzer, H. (1965). Aspects of transference in group psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*, (16): 167-
- Glatzer, H. (1969). Working Through in Analytic group psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*, (19): 212-
- Glatzer, H. (1978). The working alliance in analytic group psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*, (28):147-
- Glover, E. (1928). *The Technique of Psychoanalysis*. (Ed.) Baillière, Tindell and Co., London.

- Greenson, R. (1967). *The technique and practice of Psychoanalysis*. (Ed.) International University Press, New York.
- Guntrip H. (1967). *Personality, structure and human interaction*. (Ed.) International University Press, New York.
- Hartmann, H., Kris, F. and Loewestein, R. (1949). Comments on the formation of psychic structure. In *The psychoanalytic structure of the child*. (Ed.) International University Press, Vol. II; pp: 9-36, New York.
- Hartmann, H. (1958). *Ego psychology and the problem of adaptation*. (Ed.) International University Press, New York.
- Heimann, P. (1960). Counter transference". *British Journal of Medical Psychology*, (33):9-15.
- Horney, K. (1950). *Neurosis and Human Growth: The struggle toward Self – realization*. (Ed.) Norton, New York.
- Horney, K. (1968). *Self Analysis*. (Ed.) Norton, New York.
- Jacobson, E. (1964). *The Self and the object world*. (Ed.) International University Press, New York.
- Jones, E. (1918). *Papers on Psychoanalysis*. (Ed.) Baillière, Tindell and Co., London.
- Jones, E. (1953). *Sigmund Freud: life and works*. (Ed.) Hogarth Press, London.
- Jung, G. (1962/1966). *Ma vie souvenirs, rêves et pensés*. (Ed.) Gallimard, Paris.
- Kardiner, A. (1939). *The individual and his society*. (Ed.) Columbia University Press, New York.
- Kernberg, O. (1968). The treatment of patients with borderline personality organization. *International Journal of Psychoanalysis*, (49):600-19.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. (Ed.) Aronson, New York.
- Kernberg, O. (1976). *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. (Ed.) Aronson, New York.
- Klapman, J.W. (1956). *Group psychotherapy*. (Ed.) Grüne and Straton, New York/London.
- Klein, M. (1952). *Contributions to psychoanalysis*. (Ed.) Hogarth Press, London.
- Knight, R. P. (1953/1954). Borderline states. In Knight and Friedman: *Psychoanalytic Psychiatry and Psychology*, pp: 97-109, (Ed.) International University Press, New York.
- Kohut. H. (1971). *The analysis of the Self*. (Ed.) International University Press, New York.
- Kohut. H. (1977). *The restoration of the Self*. (Ed.) International University Press, New York.
- Lacan, J. (1966). *Écrits*. (Ed.) Seuil, Paris.
- Leal, M. Rita (1994). *Grupanálise: um percurso, 1963-1993*. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanálise, Lisboa.
- Leal, M. Rita (2010). *Passos na Maturação do Eu*. (Ed.) Fim do Século (Bilingue), Lisboa.

- Locke, N. (1961). *Group Psychoanalysis: Theory and Technique*. (Ed.) International University Press, New York.
- Mahler, M. (1968). *On human symbiosis and the vicissitudes of individualization*. (Ed.) International University Press, New York.
- Mahler, M. (1971). *Study of separation – individuation process and its application to border-line phenomena in the psychoanalytic situation*. *Psychoanalysis. Study of Child*, (26):403-
- Meltzer, D. (1966). *Psychoanalytic process*. (Ed.) Heinemann, London.
- Meltzer, D. (1981). The kleinian expansion of group meta-psychology. *International Journal of Psychoanalysis*. (62):177-
- Money-Kirle, R.E. (1956). Normal counter-transference and some of its deviations. *International Journal of Psychoanalysis*, (37):360-66.
- Moreno, J.L. (1965). *Psychothérapie de Groupe et Psychodrame*. (Ed.) P.U.F., Paris.
- Perls, F., Hefferline, R. and Goodman P. (1951). *Gestalt Therapy*. (Ed.) Julian, New York.
- Pichon-Rivière, J. (1960). *Técnica de los grupos operativos*. *Acta Neuropsiquiátrica Argentina*, (6): 32-38.
- Popper, K. (1972). *Objective knowledge an evolutionary approach*. (ED.) Clarendon Press, Oxford.
- Rappaport, D. (1959). The structure of psychoanalytic theory. In *Psychiatry: a study of a Science*. (Ed.) Mc Graw Hill, New York.
- Reich, W. (1931/1974). *L'analyse caractérielle*. (Ed.) Payot, Paris.
- Rappaport, D. (1959). The structure of psychoanalytic theory. In *Psychiatry: a study of a Science*. (Ed.) Mc Graw Hill, New York.
- Reich, W. (1931/1974). *L'analyse caractérielle*. (Ed.) Payot, Paris.
- Rogers, S. R. (1961). *On becoming a person: a therapist's view of psychotherapy*. (Ed.) Houghton Mifflin, MA: Boston.
- Rosen, J.A. (1953/1960). *L'analyse directe*. (Ed.) P.U.F., Paris.
- Rosenfeld, H. A. (1965). *The psychotic states*. (Ed.) Hogarth Press, London.
- Schilder, P. (1951). *Psychotherapy*. (Ed.) Norton (Revised Edition), New York.
- Sechehaye, H. A. (1951). *Symbolic realization*. (Ed.) International University Press, New York.
- Slavson, S.R. (1958). *The fields of Group Psychotherapy*. (Ed.) International University Press, New York.
- Sullivan, H.S. (1955). *Conceptions of Modern Psychiatry*. (Ed.) Tavistock, London.
- Wender, L. (1936). The Dynamic of Psychotherapy and its application. *Journal of Nervous Mental Diseases*, (84):55-
- Winnicott D. (1968). *An object relations theory of the personality*. (Ed.) International University Press, New York.
- Wolf, A. and Schwartz, F. K. (1962). *Psychoanalysis in Groups*. (Ed.) Grüne and Straton, New York.

Yalom, I. D. (1975). *The theory and practice of group psychotherapy*. (Ed.) Basic Books, New York.

Zimmerman (1970). Contribuição do estudo da interpretação em psicoterapia analítica de grupo. *Revista Brasileira Psicanálise*, (4):95-109.

### Summary

The evolution of psychoanalysis is analysed since Freud's seminal work. Adler's and Jung's separation from the psychoanalytic movement is referred, as well as, the importance of their contribution. This paper makes a focus the conceptualization in Ego Psychology, Kleinian positions, Object Relations Theory (including Otto Kornberg's points of view), Self Psychology and Lacan's approach. In this general context, the development of psychotherapy and particularly, psychoanalytic psychotherapy, is analysed though a general look over the different psychotherapeutic approaches already mention, as well as, to influence of psychoanalysis in all of them. Special importance is given to group psychotherapy and, particularly, to contributions of Slavson, Foulkes, Wolf and Schwartz, Bion, Glatzer, Cortesão and Maria Rita Leal. Finally, the problem of the training in psychotherapy is studied in focus towards the psychoanalytic psychotherapy.

**Key-words:** Group Psychotherapy, Group Analysis, Psychoanalysis, Psychoanalytic Psychotherapy

### Résumé

L'évolution de la psychanalyse est analysée depuis les travaux de Freud. Les séparations d'Adler et de Jung de ce mouvement sont mentionnées, ainsi leur importance. Ce travail se focalise sur les conceptions de la Psychologie de l'Ego, de la courant Kleinien, de la Théorie des Relations d'Object, (où sont incluses les points de vue de Otto Kernberg), la Psychologie du Self et aussi les points de vue de J. Lacan. Dans ce contexte général, le développement de la psychothérapie, en particulier, de la psychothérapie psychanalytique est souligné, quoiqu'une perspective générale des différents courants psychothérapeutiques et sur l'effluence de la psychanalyse sur toutes. Une spéciale importance est donnée à la psychothérapie de groupe et, en particulier, aux contributions de Slavson, Foulkes, Wolf et Schwartz, Bion, Glatzer, Cortesão et M. R. Leal. Pour conclure, le problème de la formation en psychothérapie est développé, particulièrement en ce qui concerne la psychothérapie psychanalytique.

**Mot-clé:** Analyse en Group, Psychothérapie de Groupe, Psychanalyse, Psychanalytique Psychothérapie